



MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO, APOIO E LUTA PELOS DIREITOS LGBTQIAP+ EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL

Adriana Vitória de Oliveira Viana¹

Stephanie Pereira Codato²

Maura Araujo Dias³

Everaldo Gomes Leandro⁴

Resumo

O presente texto tem como objetivo relatar os movimentos de oposição, apoio e luta pelos direitos LGBTQIAP+ no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus Campos do Jordão. Esses movimentos relatados seguem a perspectiva de narrativa na qual descreveremos como esses eventos de oposição em relação aos direitos da comunidade LGBTQIAP+ foram evidenciados durante uma ação do dia 17 de maio que tinha como objetivo a reflexão sobre os direitos LGBTQIAP+. Relataremos, nesse texto, as violências e as lutas que enfrentamos ao buscar acolhimento e apoio às diversidades. Palavras-chave: Direitos; Violência; Acolhimento; Luta.

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata situações que nasceram de uma série de projetos de ensino desenvolvidos pelas autoras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, em seu campus de Campos do Jordão (IFSP-CJO). As ações que se iniciaram em um projeto de monitoria do Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) do local permitiram às autoras se conectar com os estudantes do Ensino Médio, frequentadores do LEM, e que percebessem, por meio dessas interações, a demanda por

¹ Licencianda em matemática pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, São Paulo, Brasil.. E-mail: adriana.v@aluno.ifsp.edu.br.

² Licenciada em Matemática pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, São Paulo, Brasil. E-mail: stephaniecodato.b@gmail.com.

³ Mestra em Matemática pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: maura.dias@ifsp.edu.br

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, São Paulo, Brasil. E-mail: everaldo.gomes@ifsp.edu.br

um ambiente onde estes indivíduos pudessem trabalhar questões de gênero e sexualidade, temáticas frequentemente presentes nos encontros que aconteciam no LEM.

Tendo em mente essas demandas apresentadas, buscamos então desenvolver um projeto de ensino voltado especificamente ao acolhimento, discussão e divulgação de temas relacionados à temática de gênero e sexualidade. Com base nesse contexto, e nos incômodos que nossas ações causaram no público interno da instituição, temos como objetivo relatar os movimentos de oposição, apoio e luta pelos direitos LGBTQIAP+ no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus Campos do Jordão.

2. BASES TEÓRICAS

Buscamos com esse trabalho narrar os anseios, os empecilhos, as alegrias e as tristezas que nasceram de nosso desejo de criar em nossa instituição um ambiente que acolhesse seus integrantes em suas diversidades. Segundo D’Ambrósio e Lopes (2014), movimentos como esse, nos quais o professor se propõe a examinar sua própria prática na escola são importantes, pois:

O professor está emocionalmente comprometido com muitos aspectos de seu trabalho e tem sua identidade construída por sua autoimagem, pelo contexto sociocultural, pela visão dos outros sobre si e pela pessoa que é. [...] Tais pressupostos justificam a importância da narrativa do professor sobre sua trajetória profissional, em que ele expõe suas ações no exercício da profissão e, ao fazê-lo com liberdade de expressão, confronta-se com seus sentimentos, em uma autoanálise que lhe permite sempre um redirecionamento de sua carreira docente. (D’Ambrósio e Lopes, 2014, p. 43).

A perspectiva trazida por Souza e Meireles (2018), sobre o papel da narrativa no contexto da pesquisa também nos inspira ao escrevermos esse texto pois, conforme elas descrevem

“O argumento central que mobiliza o uso da narrativa (auto)biográfica enquanto perspectiva de pesquisa ancora-se na possibilidade privilegiada de compreender tais experiências que entrecruzam o pessoal e o social, em um movimento singular de produção de conhecimento, que extrapola os traçados rígidos, fechados e quantificáveis da ciência moderna.” (Souza e Meireles, 2018, p. 287)

Acreditamos então que essa autoanálise nos permite sair de uma experiência particular e refletir coletivamente, por meio da divulgação e discussão desses acontecimentos, de modo a entender melhor o processo de criação de redes de acolhimento à comunidade LGBTQIAP+ e sobre os atos insubordinados na prática docente que nos propomos a realizar.

Ao percebermos uma falha do contexto escolar em suprir as demandas por um espaço de acolhimento, representatividade e oposição à homofobia no ambiente escolar trazidas por nossos alunos, buscamos nos organizar em ações insubordinadas criativamente (D'Ambrosio e Lopes, 2015), desafiando uma cultura na qual a autoridade institucional se contrapunha ao bem deles por meio de determinações incoerentes

MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO, APOIO E LUTA

3.1 Movimento de apoio: IFSP não é lugar de viado?

Como uma das atividades desenvolvidas pelo grupo, um dos seus monitores decidiu, em conjunto com os orientadores e participantes do clube, expor nas paredes do instituto cartazes (Figura 1) que ele havia elaborado com o intuito de conscientizar e gerar reflexões sobre o Dia Internacional de Luta contra a LGBTfobia comemorado em 17 de Maio. Esses cartazes foram colados nas paredes dos corredores, das salas de aula, do refeitório, das salas de coordenação, da biblioteca e de outros espaços da instituição.



Figura 1 - Cartazes produzidos.

Além desses cartazes pré-elaborados, ele fez um cartaz colaborativo (Figura 2) com o questionamento: “quais personalidades LGBTQIA+ você conhece?”.

26 a 30 de Maio de 2025

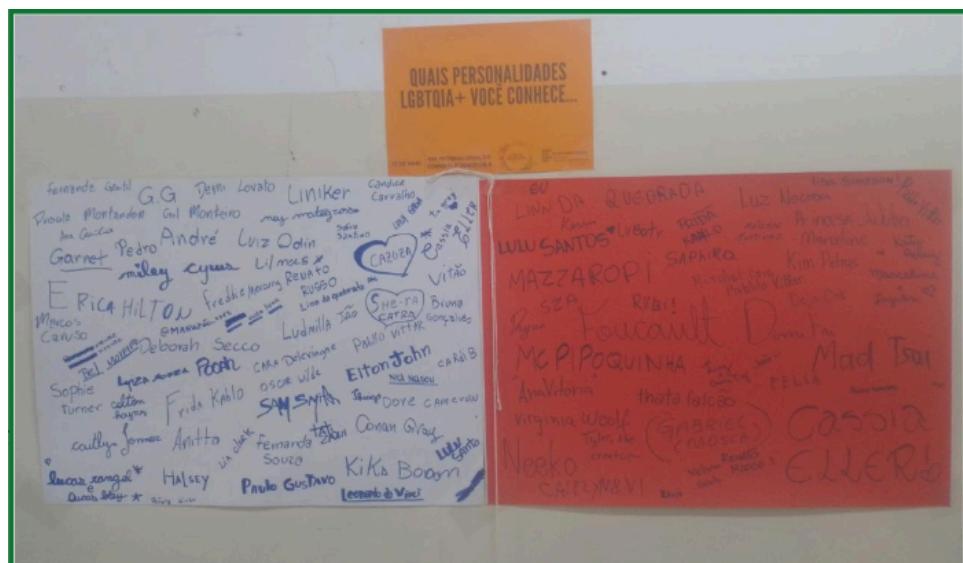


Figura 2 – Cartaz colaborativo “Quais personalidades LGBTQIA+ você conhece?”.

Aproximadamente uma semana após esses cartazes terem sido colocados, vimos os primeiros sinais de depredação.

3.2 Movimento de oposição: “PNC dos viado”

O primeiro cartaz onde percebemos as violências que viriam foi um colocado no refeitório, que dizia “refeitório não é lugar de lgbtfobia.” (Figura 3), nele foi escrito com letras bem pequenas a frase “PNC (pau no cu) dos viado”.



Figura 3 - Cartaz depredado.

Percebemos nessa ação ao mesmo tempo uma oposição à mensagem expressa nos cartazes e um certo receio por ações institucionais de repúdio, possíveis de serem notadas pelo modo de resposta ao cartaz, uma resposta em letras pequenas em um lugar

da instituição que, em certos períodos, não é muito frequentado. Um dia depois dessa mensagem ter sido escrita no cartaz, foi incluída uma mensagem questionando o movimento de depredação em um movimento de luta contra os preconceituosos.

3.3 Movimento de luta: O que essas violências dizem sobre essa escola?

Após verificarmos a depredação do cartaz do refeitório, vimos outro cartaz rasurado, mas agora em um lugar com significado distinto: a sala dos professores.

Esse cartaz (Figura 4), assim como muitos outros que viriam a seguir não tinham uma mensagem escrita, mas ainda sim ilustrava um movimento de violência: foi rasgado.



Figura 4 – Cartaz "Sala dos(as) Professores(as) não é lugar de LGBTfobia".

Ao nos depararmos com essa situação, nos preocupamos com a indicação de que o incidente de depredação inicial não era único e que esses movimentos de oposição não estavam vindo apenas de discentes da instituição, mas pela possibilidade de que servidores e professores também estivessem envolvidos nesse tipo de violência.

Pouco tempo depois dessa depredação inicial, nos deparamos novamente com o movimento de apoio: uma ressignificação do rasgo no cartaz (Figura 5), que foi repositionado com uma frase: "o que essas violências dizem sobre essa escola? que dores estão envolvidas aqui?".



Figura 5 – Cartaz ressignificado.

3.4 Movimento de apoio: Rasgos e remendos

Com o passar do tempo, depois desses dois incidentes iniciais, percebemos ações cada vez mais explícitas nesses cartazes: rasgos cada vez maiores, cartazes arrancados por inteiro e riscos no cartaz interativo (Figura 6).



Figura 6 – Cartazes rasgados e riscados.

De modo a nos posicionarmos sobre os eventos ocorridos até o momento, um grupo de pessoas, entre elas orientadores do clube, monitores, professores e alunos do instituto se juntaram na escrita de duas notas de repúdio, uma que foi encaminhada a todo o público interno da instituição e uma que foi destinada especificamente aos professores e servidores. Após o envio dessas mensagens, recebemos algumas manifestações de apoio, por meio de e-mails ou por pessoas que nos procuraram presencialmente.

Com essa última ação por nossa parte, acreditamos ter nos posicionado suficientemente sobre os eventos e começamos a nos organizar para novas ações, entretanto, as violências não pararam por aí.

3.5 Movimento de oposição: “Não tente transformar a escola em sociedade, escola é lugar de estudo”

Quatro dias depois de termos mandado os e-mails, ao chegarmos no instituto, nos deparamos com cartazes novos, colocados em óbvia resposta aos nossos.

Esses cartazes, muitas vezes colados próximos aos nossos cartazes rasgados exibiam as seguintes mensagens: “Não tente transformar a escola em uma sociedade, escola é lugar de estudo!”, “Respeito exige respeito!” e “Assuntos que também devemos tratar no IFSPCJO: religião; família (acompanhado de uma imagem de uma família cisheteronormativa); educação financeira; exclusão social.” (Figura 7).

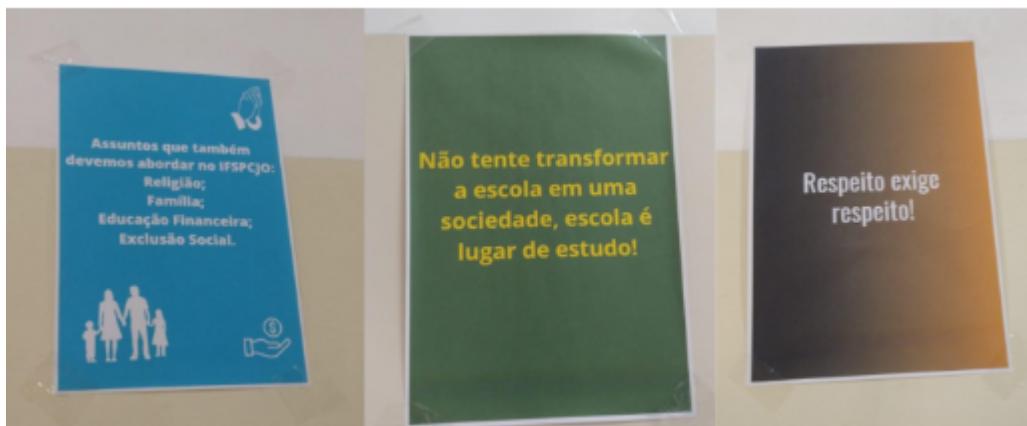


Figura 7 – Cartazes de ”resposta”.

Recebemos nesse dia um apoio considerável dos estudantes da instituição, em específico aqueles do Ensino Médio, que questionaram e se opuseram às mensagens presentes nesses novos cartazes. Ao mesmo tempo, nos sentimos desamparados pela instituição que, além de permitir a colocação desses cartazes cujo objetivo era nitidamente atacar as ações do clube e a população LGBTQIAP+ que frequenta a instituição, não emitiu uma nota oficial ou qualquer posicionamento vindo da gestão contra essas violências.

Os orientadores do clube conseguiram, após alguns dias, que os novos cartazes fossem removidos do campus, mas não foram localizadas as pessoas que efetuaram essas violências para que ações concretas fossem tomadas. Enquanto clube, tentamos nos organizar para lidar da melhor forma possível com essa situação, mas o peso dessas

violências, agravado pelo fato de muitos dos participantes do clube pertencerem à comunidade, causou um desgaste mental em nossos membros que dificultou nossas futuras ações.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas ações por conta de uma demanda por acolhimento, por representatividade no nosso instituto. Ao final de nossos esforços, encaramos um cenário diferente, no qual nossas ações repercutiram fortemente no espaço acadêmico. Essa ocupação de espaço na instituição, que possibilitou a criação de redes de afeto e apoio, espaços de expressão que anteriormente não existiam, só foi possível pois pessoas (monitores, orientadores e outros participantes do clube) permitiram-se afetar e serem afetados nesse ambiente. Infelizmente, permitir-se ser afetado, colocar-se pessoalmente em um espaço público, implica também ser impactado por movimentos que visam ferir sua individualidade.

Nesse contexto, nos propusemos a reivindicar por um espaço que respeite as diversidades da população interna do campus, movimento que foi recebido no instituto de maneiras diversas. Se por um lado, várias pessoas demonstraram apoio à comunidade LGBTQIAP+, também fomos abalados por manifestações que foram contra as nossas reivindicações.

Não encaramos, entretanto, estes movimentos apenas em seus aspectos negativos, pois vemos uma vitória no modo como conseguimos explicitar as relações muitas vezes implícitas de violência que afetam as pessoas da comunidade em meios públicos e como conseguimos nos organizar para ir contra esses movimentos de opressão.

2. REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias profissionais de educadores matemáticas**. 1. ed. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2014.

SOUZA, E. C. de; MEIRELES, M. M. de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 39, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4750>. Acesso em: 8 maio. 2025.